



O TEATRINHO DO SOLO NA EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA

Adriana de Fátima Meira Vital (1); Josiele Carlos Fortunato (2); José Ray Martins Farias (3); Erica Talyta Ramos Carlos (3); Regiane Farias Batista (4); Lygia de Oliveira Lopes (5)

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG/CDSA, Sumé, PB, vital.adriana@ufcg.edu.br, josiele.fortunato2@gmail.com, raymartinssp1@gmail.com, ericatalyta@gmail.com, regiane.2594@gmail.com; lygialopes1313@gmail.com

Resumo: O avanço da degradação das terras, que traz como consequências, dentre outras, a perda da biodiversidade, a escassez da água e a insegurança alimentar, aponta para a urgência de se trabalhar a popularização do ensino de solos desde os primeiros anos escolares. Nesse cenário é indispensável buscar metodologias que tornem o processo ensino-aprendizagem atrativo e instigante, trabalhando temas do cotidiano de maneira prazerosa e motivacional, sobretudo contextualizando com a realidade territorial. O artigo apresenta a proposta do uso do teatro de fantoches – Teatrinho do Solo, idealizado pelo Projeto Solo na Escola/UFCG. Trata-se de uma metodologia dialógica e participativa para a sensibilização de crianças e adolescentes sobre o solo. No diálogo interativo com o público, feito de forma divertida e construída a partir das provocações, os personagens do solo apresentam conceitos e informações sobre a importância da conservação desse importante recurso ambiental, cuja abordagem ainda apresenta-se de forma ineficiente e desconexa nos livros didáticos. O resultado das apresentações do Teatrinho do Solo apontam que a metodologia situa-se como importante ferramenta didática, que trabalha de forma interativa e contextualizada conceitos sobre os recursos edáficos, onde os educandos aprendem se divertindo e participando ativamente das diversas falas, devendo ser melhor explorada pelos educadores.

Palavras-chave: Educação em Solos, Recurso didático, Fantoches, Conservação, Popularização.

Introdução: Os problemas ambientais têm avançado por toda parte, comprometendo seriamente os diversos ecossistemas. Como destacam Chaves; Farias (2005), o comportamento humano tem gerado múltiplos e profundos agravos ecológicos ao longo da história da humanidade. Tal situação compromete severamente a qualidade e o prosseguimento da vida. Assim, fácil compreender que a problemática ambiental transformou-se num dos maiores desafios que a humanidade tem de enfrentar a curto prazo, sendo compreensível que esta temática faça parte do rol dos conteúdos que devem ser explorados pela escola para a formação da consciência ecológica, que não nasce no vazio, emergindo, antes de tudo, de uma realidade, que favorece aos educandos se

perceber como agentes, capazes de agir e transformar a realidade (FREIRE, 2001).

No geral, tem-se a degradação do solo como um problema de cunho econômico e ambiental dos mais sérios e mais presentes em todo o mundo, agravado pela interferência humana, que continua a extrapolar a capacidade de resiliência da Natureza, situação que aumenta em função do desconhecimento que grande parte da população tem da importância do solo, o complexo e ainda pouco conhecido, reservatório da vida (MUGGLER et al, 2006; LIMA et al, 2007).

Dos recursos ambientais, o solo é o que menos abordagem tem merecido nos livros



didáticos (SILVA et al, 2008; SANTIAGO et al, 2010; SOUSA, 2014), embora sua reconhecida importância como reservatório da vida (LEPSCH, 2002). Por sua multifuncionalidade e como componente integrador dos diferentes ecossistemas o solo precisa fazer parte do cotidiano escolas, nos conteúdos e projetos, desde as primeiras séries, pois as definições conceituadas sobre a importância do solo para a vida, no âmbito do ensino formal e informal, será uma maneira de oportunizar a sensibilização ambiental para a preocupação com a conservação deste valioso recurso.

A escola é o segundo espaço de construção do saber, sendo por isso ambiente propício a preparação de futuros cidadãos responsáveis, comprometidos e conscientes de seu papel, sendo por isso, espaço privilegiado na formação dos indivíduos, sobretudo numa sociedade como a contemporânea, caracterizada pela diversidade, complexidade e transformação. Assim, o conhecimento e a compreensão integrada dos diversos aspectos do meio ambiente, em particular do solo, é essencial para instrumentalizar as pessoas na análise, entendimento e possibilidades de intervenção, para a busca de soluções e enfrentamento dos problemas e dificuldades que se avolumam no cotidiano.

Discutindo temas atuais, locais, vivenciados pelos educandos, e que se expressam nas diferentes situações do cotidiano e dizem respeito aos valores e a ética do cuidar de si e de seu ambiente, a escola cumprirá sua função social, que diz respeito à formação dos novos cidadãos, a partir do compartilhamento dos saberes selecionados pela sociedade mediante ações educativas, sem desconsiderar seu papel formativo, como destaca Enguita (1989, p.158) ao se referir a experiência da escolaridade como 'algo muito mais amplo,

profundo e complexo que o processo da instrução'.

Assim, a abordagem de assuntos voltados para o cuidado com a terra e demais recursos é questão de urgência, por isso, a relevância da missão da escola perante as novas configurações da sociedade, no sentido de preparar os futuros cidadãos para o enfrentamento dos desafios e transformações sociais, ambientais e culturais para a construção de um mundo mais justo, igualitários, solidário, sustentável (PAIM; NODARI, 2012).

A escola é ambiente propício para dialogar e ampliar o conhecimento sobre solo, oportunizando a discussão e elaboração de estratégias que despertem a vontade de se envolver e proteger a Natureza. Nesse caminho de sensibilização dos educandos, o uso de metodologias participativas remete-se ao modelo progressista inspirado nas ideias de Paulo Freire, que propõe analisar criticamente a realidade social (CAVASSIM, 2008). O modelo propõe uma educação para a transformação do sujeito e do mundo. Visa à realização de uma consciência crítica e superação do “saber de experiência feito” (FREIRE, 1998, p.107).

Na abordagem progressista educadores e educandos se permitem olhar além dos muros da escola, trabalhando assim a consciência do mundo, que impulsiona a ação para a transformação da realidade. Professor e aluno caminham juntos e “o professor deverá ser mais criativo e aprender com o aluno e o mundo” (GADOTTI, 2000, p.107).

Assim, o ensino de solos no ensino básico deve acontecer a partir de experiências concretas que levem o estudante à construção gradativa do conhecimento, a partir de um fazer científico, levando em conta a vinculação da ciência ao seu significado político, social e cultural (CURVELLO; SANTOS, 1993, p. 192). Ressalta-se que a



educação será contextualizada, quando acompanhar o cotidiano do educando, quando estiver mais próxima da realidade da criança (TEIXEIRA, 2009).

Para fazer com que os estudantes compreendam as mudanças e fenômenos atuais e suas transformações, o professor deve criar situações interessantes de modo que se articulem os conhecimentos prévios aos conceitos construídos a fim de sistematizá-los, através de procedimentos de investigação, observação, experimentação, comparação, debate, leitura e escrita de textos informativos, organização de tabelas, gráficos, esquemas e textos, o levantamento de hipóteses (suposições) e a solução de problemas (FALCONI, 2004).

É possível apresentar o tema solos de forma ativa na interação com os educandos, utilizando-se de diferentes metodologias que permitam a reflexão crítica dos atores envolvidos, contextualizando com a realidade. Diferentes ferramentas pedagógicas e metodologias têm sido utilizadas para estimular a aprendizagem, sendo aquelas que trabalham a ludicidade uma das mais prazerosas, possibilitando caminhos para que a escola e os professores possam interagir com os educandos de forma criativa, produtiva e participativa.

Experiências brasileiras de sucesso na perspectiva da Educação em Solos foram encontradas em trabalhos de Melo; Cardoso (2011) e Falcão; Falcão Sobrinho (2014) com o ensino de solos por meio de recursos lúdicos como jogos, desenhos e revistas em quadrinho; Muggler et al. (2006), trabalhando poesia e ciência, ampliaram a percepção pública do solo; Silva et al (2011) promoveram ações de reflexão em oficinas didáticas-pedagógicas. Ressalta-se ainda o trabalho com o vídeo 'Conhecendo o Solo' do Projeto Solo na Escola da UFPR que tem sido alvo de diversos estudos, que apontam para a percepção de que o uso do vídeo foi um

facilitador da aprendizagem (JESUS et al, 2013).

Nesse cenário, o Teatrinho do Solo surge como nova proposta para a popularização do ensino de solos, cujas ações vêm tendo uma ótima aceitação entre o público espectador, pois a interação entre personagens e público evidencia a relevância do trabalho desenvolvido e que o conhecimento inserido dessa forma tornasse de fácil compreensão.

Para Santos; Santos (2012), como recurso didático pedagógico relevante para o desenvolvimento de crianças e adolescentes, o teatro permite aprimorar a trajetória do educando na vida social, proporcionando experiências novas que contribui para o crescimento integral destes sobre vários aspectos.

A palavra "teatro" deriva dos verbos gregos "ver, enxergar", sendo por isso lugar de ver, o mundo, as pessoas, de se ver e se perceber, perceber o outro e a sua relação com o outro e com o mundo. Ressalta-se que “a dramatização acompanha o desenvolvimento da criança como uma manifestação espontânea, assumindo feições e funções diversas, sem perder jamais o caráter de integração e de promoção de equilíbrio entre ela e o meio ambiente” (BRASIL, 1997).

Considerando que frequentemente a degradação do solo pode ser associada ao desconhecimento que a maior parte da população tem das suas características, importância e funções (LIMA et al, 2007), disseminar conceitos sobre os recursos do ambiente é questão educativa e de políticas públicas. É neste sentido que o teatro de fantoches pode contribuir como recurso didático para o ensino de solos, despertando o interesse pelos temas ligados a degradação e conservação, proporcionando para o educando um crescimento pessoal (ético, afetivo, cognitivo).



A utilização de técnicas que introduzam o tema solo de forma a chamar a atenção com brincadeiras, fazendo da sala de aula um espaço divertido auxiliam na aprendizagem, já que dessa forma o conteúdo é melhor assimilado. O teatro promove a interação e relacionamento entre personagens e educandos, que permitirá a vivência de situações importantes para o seu convívio e entendimento dos conteúdos apresentados, agregando de forma lúdica, significado aos conhecimentos prévios (MOREIRA, 1999).

Para Ladeira; Caldas (1989) o teatro de fantoches tem um valor pedagógico grandioso, quando se trata da motivação para a fala, a leitura e a escrita da criança. Isso porque para a criança o teatro de bonecos é um jogo, enquanto que para o professor é uma técnica educativa, pois pode ser aliada à expressão gestual, à improvisação de contos, pequenas quadrinhas, jogos verbais, rimas de palavras ou frases, etc.

Na visão pedagógica o teatro tem a função de mostrar o comportamento social e moral, através do aprendizado de valores e no bom relacionamento com as pessoas (ARCOVERDE, 2014), além de permitir, a cada um dos ouvintes-participantes, trazer uma contribuição que lhe seja própria e característica.

Não por acaso os Parâmetros Curriculares Nacionais buscam identificar os diversos argumentos sobre a importância do conhecimento artístico, assim consideram que a abordagem dramática na educação deve admitir a importância do teatro, considerado como base da educação criativa (BRASIL, 2001).

É neste viés que o teatro pode contribuir para despertar o interesse e a curiosidade dos educandos para conhecer mais sobre novos temas, incentivando-os a realizar pesquisas e a dialogar sobre assuntos relacionados às temáticas abordadas.

O imperativo de um esforço multidisciplinar acentuado para popularizar o conhecimento sobre o solo e disseminar os princípios da conservação ambiental, deve-se a urgência de se promover seu uso e manejo em bases sustentáveis, que será, naturalmente revertido na forma de índices de qualidade de vida.

É indispensável que os educadores e a escola compreendam que crianças e jovens bem preparados e formados em padrões éticos, terão o poder de transformar o dia-a-dia de desigualdades, individualismo, violência e exclusão em um futuro no qual a democracia e a solidariedade serão respeitadas e propagadas continuamente. Comportamentos ambientalmente corretos devem ser aprendidos na prática, no cotidiano da vida escolar, contribuindo para a formação de cidadãos responsáveis (HIGUCHI; AZEVEDO, 2004).

Diante do quadro de degradação dos solos e considerando a problemática que se agrava no Semiárido paraibano, foi pensado pelo Projeto Solo na Escola/UFCG a divulgação dos conteúdos sobre solos numa metodologia participativa centrada na abordagem lúdica. O trabalho apresenta relatos das apresentações do Teatrinho do Solo como proposta inovadora e educativa para contextualizar os conteúdos sobre os recursos edáficos na educação básica.

Metodologia: As atividades do Teatrinho do Solo são desenvolvidas no Espaço de Educação em Solos (UFCG, campus de Sumé) ou nas escolas e praças dos municípios da microrregião do Cariri Ocidental da Paraíba. Além de atender a convites das instituições de ensino, as apresentações também acontecem nas feiras de ciências, em datas comemorativas ao solo (15 de abril, 28 de julho e 05 de dezembro).

Nas apresentações do Teatrinho do Solo são utilizados quatro personagens: Zé do Mato e



Jureminha (um agricultor e uma estudante da cidade), Fu (a formiguinha) e Paspim (a minhoca, mascote do Projeto Solo na Escola/UFCG). Juntos os personagens levam os educandos à descoberta das potencialidades do solo.

A metodologia vem sendo trabalhada objetivando promover um tipo de abordagem diferente da tradicional que utiliza apenas, o caderno, o lápis, o quadro-negro e o giz; Como assegura Piletti (1993), "... trata-se de um tipo de aprendizagem afetiva ou emocional, que diz respeito aos sentimentos e emoções dos alunos..."

A forma de abordagem é simples, com um tema norteador para a apresentação, que segue a proposta da interatividade, ou seja, os diálogos são conduzidos a partir das questões geradas pelos educandos, de forma a dinamizar e permitir que os mesmos sintam-se coparticipantes da apresentação.

O Teatrinho do Solo por ser uma proposta confeccionada em lona, pode ser armado em qualquer ambiente, o que facilita as apresentações e a interlocução com a plateia.

Busca-se nas apresentações promover um diálogo que seja contextualizado com a realidade de cada público, fazendo referências às suas vivências, de modo a permitir uma maior interação.

As mensagens nas falas dos personagens do Teatrinho do Solo são passadas de uma forma engraçada, simples e diretamente relacionadas com a realidade dos alunos e de maneira fácil e agradável procura-se compartilhar conhecimentos sobre o Meio Ambiente e sobre como deve ser a nossa relação com os solos e com a Natureza.

Apesar de haver um roteiro básico como guia a ser seguido, as falas e o comportamento de cada personagem podiam ser diferentes de acordo com a reação dos espectadores. Isso, se por um lado, podia diminuir a eficiência

das peças, por outro permitia a abertura para novas possibilidades, novas abordagens, agora sob o enfoque do aluno, ou seja, ele deixava de ser o espectador para ser o ator e participar, junto com o boneco, da ação.

Essa construção coletiva das falas no Teatrinho do Solo possibilita que as crianças resgatem o seu cotidiano e, como afirmou FREIRE (1998, p.29), "nas condições da verdadeira aprendizagem, os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo."

Resultados e Discussão: O Teatrinho do Solo vem tendo uma ótima aceitação entre o público espectador, pois a interação entre personagens e público evidencia a relevância do trabalho desenvolvido, onde a informações apresentada são recebidas e interpretadas facilmente.

O entusiasmo das crianças e alegria como elas recebem tal intervenção é instigante e emocionante. As crianças aprendem sobre solos e produção agroecológica, convivência com as especificidades da semiaridez, sem se dar conta: brincando, rindo e se divertindo.

A metodologia tem se mostrado valiosa na disseminação de conceitos sobre o solo, por contribuir para que o educando reflita sobre as formas de uso e práticas de manejo para produção agrícola, e compreenda a importância dos recursos edáficos e a necessidade de sua conservação, ampliando sua capacidade de estudo e reflexão sobre os temas discutidos pelos personagens.

A ideia da interatividade nas apresentações é promover a interlocução e a para que os participantes sintam-se a vontade para expressar seus saberes. Essa estratégia é interessante porque o faz de conta, a simulação da realidade, segundo Dezotti



(2006), estimula a compreensão do mundo em que o indivíduo está inserido. Nesse sentido, Desgranges (2003) aponta que essa abordagem pedagógica é relevante por permitir a participação criativa do interlocutor, que assim pode formular um juízo próprio de sentidos sobre o tema apresentado.

Trabalhar o tema solos, fazendo uso do teatro de bonecos, incentiva o diálogo sobre posturas pró-ativas, segurança alimentar, conservação dos solos, transição agroecológica e possibilita às crianças um avanço em relação ao desenvolvimento da linguagem e da socialização, oferecendo oportunidades de criação, recriação e manifestação artística, onde as crianças se divertem, desenvolvem a criatividade e despertam todos os nossos sentimentos de respeito e afetividade pela Natureza.

No decorrer das apresentações, os alunos vivenciam juntamente com os personagens diferentes histórias e as consequências dos seus atos e juntos decidem se aquelas ações colocadas são sustentáveis. Isso é demonstrado através das reações, que surgem as mais diversas possíveis, variando desde expressões de raiva ou alegria e gritos, até a intervenção física junto a algum personagem num momento em que este pedia socorro por conta da queimada no roçado, por exemplo. Os alunos aprendem com as atitudes dos personagens como se fossem as suas.

O Teatrinho do Solo já se apresentou em muitas escolas e muitas foram as situações carregadas de emoção vivenciadas pelos integrantes do projeto, a se exteriorizar nas falas dos espectadores, como pode ser observado nos excerto de conversas travadas com alguns estudantes após as apresentações do Teatrinho do Solo:

– *“Eu chorei muito quando a minhoquinha disse que a queimada mata os amiguinhos e familiares dela...”*

– *“Meu pai faz queimada, mas acho que ele não sabe que mata os bichinhos do solo...”*

– *“Vou dizer lá em casa que o veneno pra plantação mata os bichinhos que moram dentro da terra...”*

É relevante considerar que no imaginário da criança, os personagens do solo são seres vivos como ela. É exatamente isso que nos recorda Borba Filho (1987), quando afirma que “o boneco tem vida, ele é um ser misterioso, feito às vezes à nossa imagem e semelhança, mas de qualquer forma cria uma tela sobre a qual podemos construir um mundo.”

O Teatrinho do Solo pode ser um auxiliar para o professor para trabalhar conteúdos que não são discutidos de forma aprofundada nos livros didáticos. Como diz Antunes (2009), 'o professor precisa estar por “dentro” das inovações pedagógicas, conhecer estratégias de ensino que empolguem, sistemas de avaliação que dignifiquem a pessoa, jogos que desenvolvam nos alunos a plenitude de suas habilidades'.

O entusiasmo das crianças e alegria como elas recebem tal intervenção é instigante e emocionante. As crianças aprendem sobre solos sem se dar conta: brincando, rindo e se divertindo. Assim, os professores precisam se abrir a novas possibilidades para apresentar os conceitos do solo e dos diversos recursos ambientais, promovendo novas possibilidades no processo ensino-aprendizagem.

Conclusão: O Teatrinho do Solo tem se mostrado valiosa metodologia para o educando compreender a importância dos recursos edáficos e a necessidade de sua conservação, ampliando sua capacidade de estudo e reflexão sobre os temas, podendo ser usado não apenas nas aulas de Geografia e Ciências, mas em todos os conteúdos do currículo escolar, pois metodologias lúdicas como a descrita aqui são muito eficientes para a sensibilização dos educandos em relação aos temas ambientais.



Considerando o solo como componente fundamental do ambiente natural para a manutenção dos ecossistemas, necessário reconhecer a urgência de debater seus conceitos em sala de aula. Os conteúdos sobre solos tem que ter uma prática continuada, dentro da perspectiva da formação cidadã, cabendo ao professor o papel de mediador desse processo de aprendizagem, inovando nos recursos didáticos, criando oportunidades para que os alunos pensem por si, proporcionando momentos de reflexão, problematizando ou propondo alternativas para superar dificuldades.

Destacamos ainda a importância do lúdico na relação dos estudantes com o conteúdo de solos, onde estes estabelecem relações afetivas, que estimulam a observação e despertam a atenção para a importância da conservação do solo, sendo esse o caminho para a sustentabilidade. O olhar a partir desses apontamentos já deixa algumas pistas da necessidade de ampliar estudos para as questões apresentadas.

Referências Bibliográficas:

ANTUNES, C. **Como desenvolver conteúdos explorando as inteligências múltiplas**. 8 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

ARCOVERDE, S. L. M. **A importância do teatro na formação da criança**. Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/629_639.pdf. Acesso em: 12 mar. 2016.

BORBA FILHO, H. **Fisionomia e espírito do mamulengo**. Inacen, Coleção Ensaios, Rio de Janeiro. 1987.

BRASIL. MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais: meio ambiente e saúde**. Brasília, MEC, 1997.

BRASIL, **Parâmetros curriculares nacionais de língua portuguesa: terceiro e**

quarto ciclo do Ensino Fundamental. Brasília MEC, 2001.

CAVASSIM, J. **Perspectivas para o teatro na educação como conhecimento e prática pedagógica**. **R. Científica da FAP**, Curitiba, v.3, p.39-52. 2008.

CURVELLO, M. A.; SANTOS, G. A. **Adequação de conceitos básicos em ciência do solo para aplicação na escola de 1o grau**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIA DO SOLO, 24. Goiânia, **Resumos**. Goiânia: SBCS, v. 3, p. 191-192. 2003.

DESGRANGES, F. **Formação de espectadores: a relevância da questão e os procedimentos pedagógicos utilizados**. In: **Anais do Seminário Nacional de Arte Educação**. Montenegro: Ed. da FUNDARTE, 2003.

DEZOTTI, C. B. da S. **O Teatro como meio de comunicação: um estudo sobre a utilização do tableau na Proposta Pedagógica de Arte do Ensino Fundamental e Médio da Rede Estadual de Ensino do Estado de São Paulo**. Universidade de Marília, Faculdade de Comunicação, Educação e Turismo, 2006.

ENGUITA, M. F. **A Face Oculta da Escola: educação e trabalho no capitalismo**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FALCÃO, C. L. Da C.; FALCÃO SOBRINHO, J. **A utilização de recursos didáticos como auxiliares no processo de aprendizagem do solo**. **Revista da Casa da Geografia de Sobral (RCGS)**, Sobral, v.. 16, n. 1, p. 19-28, 2014.

FALCONI, S. **Produção de material didático para o ensino de solos**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Campus de Rio Claro, 2004.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Paz e Terra, 1998.



_____. **Ação Cultural para a Liberdade e Outros Escritos.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

GADOTTI, M. **Perspectivas atuais da Educação.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

HIGUCHI, M. I. G.; AZEVEDO, G. C. de. Educação como processo na construção da cidadania ambiental. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, v. 0, p. 63-70. 2004.

JESUS, O. S. De; MENDONÇA, T.; ARAÚJO, I. C. L.; CANTELLI, K. B.; LIMA, M. R. de. O vídeo didático 'Conhecendo o Solo' e a contribuição desse recurso audiovisual no processo de aprendizagem no ensino fundamental. **R. Bras. Ci. Solo**, v. 37, p.548-553, 2013.

LADEIRA, I.; CAUDAS, S. **Fantoche & CIA.** São Paulo: Scipione, 1998.

LEPSCH, I. F. **Formação e conservação dos solos.** São Paulo: Oficina de Textos, 2002.

LIMA, V.C., LIMA, M. R., MELO, V. F. (Orgs.). **O solo no meio ambiente: abordagem para professores do ensino fundamental e médio e alunos do ensino médio.** Universidade Federal do Paraná, Departamento de Solos e Engenharia Agrícola, Curitiba, 2007.

MELO, J. F. M.; CARDOSO, L. R. Pensar o ensino de ciências e o campo a partir da agroecologia: uma experiência com alunos do sertão sergipano. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 6, n. 1, p. 37-48, 2011.

MOREIRA, Marco Antônio, **Aprendizagem Significativa.** Brasília. Editora da UnB, 1999.

MUGGLER, C. C.; PINTO SOBRINHO, F. A.; MACHADO, V. A. A educação em solos: princípios, teoria e métodos. **Revista**

Brasileira de Ciência do Solo, Viçosa, v. 30, p. 733-740, 2006.

PAIM, V. C.; NODARI, P. C. **A Missão da escola no Contexto Atual**, 1–16. 2012.

SANTIAGO, A. M. A.; GUIMARÃES, H. M. A.; PAIXÃO, R. B. Da; CRISTO, S. S. V. de. O tema solo nos livros didáticos de ciência do 3º e 4º ciclos das escolas públicas do município de Porto Nacional - TO. Simpósio Brasileiro de Educação em Solos, 5. **Anais...** Universidade Federal do Paraná; Sociedade Brasileira de Ciência do Solo. Curitiba, 2010. p. 11.

SANTOS, A. N. dos; SANTOS, A. N. dos. O teatro e suas contribuições para educação infantil na escola pública. **In:** Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino - UNICAMP - Campinas – 2012.

SILVA, A. G. F. Da; SOARES, F. P.; VENÂNCIO, L. M.; RODRIGUES, T. F.; FERRARI, J. L. A oficina pedagógica como estratégia de ensino aprendizagem para conservação do solo e da água. **In:** XIV Encontro Latino Americano de Iniciação Científica. X Encontro Latino Americano de Pós-Graduação – Universidade do Vale do Paraíba. 2011.

SILVA, C. S. da. FALCÃO; FALCÃO SOBRINHO, J. O Ensino do Solo no Livro Didático de Geografia. **Revista Homem, Espaço e Tempo.** Centro de Ciências Humanas da Universidade Estadual Vale do Acaraú/ UVA. Ano II, Número 1, março de 2008.

TEIXEIRA, E. D. R. O brincar como berço do intelecto infantil. **In:** IX CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE. **Anais...** PUC:PR 2009.